

Narrativas orais na pesquisa com crianças: inspirações na Epistemologia Qualitativa de González Rey

Narrativas orales en la investigación con niños: inspiraciones en la epistemología cualitativa de González Rey

Oral narratives in research with children: inspirations from González Rey's Qualitative Epistemology

[Silvana de Medeiros da Silva](#)  [Albertina Mitjás Martínez](#)  [Mariangela Momo](#)  [Daniel Medeiros dos Santos](#) 

Destaques

Este artigo apresenta proposições que podem orientar a pesquisa com crianças pequenas.

Destaca a dialogicidade, a participação observante e o papel ativo do(a) pesquisador(a) na produção das informações com as crianças.

Aponta a construção de cenários sociais baseados na espontaneidade e na ludicidade, como estratégia de pesquisa com crianças.

Resumo

A metodologia de pesquisa com crianças é uma tipologia de investigação em constante discussão, dadas as especificidades das crianças, sobretudo as pequenas. Assim, neste artigo, tem-se como objetivo propor e analisar um procedimento de pesquisa com crianças pequenas em ambiente escolar denominado *Narrativas Dialógicas Espontâneas*. A metodologia envolve a pesquisa de campo em um Centro Municipal de Educação Infantil do município de Natal-RN, em uma turma da Pré-Escola. O procedimento foi proposto a partir da interlocução entre as perspectivas da pesquisa *com* crianças e a Epistemologia Qualitativa de González Rey. O seu destaque, na metodologia de pesquisa *com* crianças, está no diálogo ativo para além da escuta, na participação observante e na construção de cenários sociais de pesquisa mediados pela espontaneidade e ludicidade. Consta-se que esse procedimento é profícuo para a produção de informações, à medida que potencializa a elaboração das narrativas orais das crianças.

[Resumen](#) | [Abstract](#)

Palavras-chave

Crianças pequenas. Metodologia de Pesquisa. Epistemologia.

Recebido: 18.11.2024

Aceito: 01.09.2025

Publicado: 09.09.2025

DOI: <https://doi.org/10.26512/lc31202556166>

| Introdução

Até a década de 1980 prevaleceu, no campo da pesquisa que se debruçava sobre as crianças, uma concepção que as considerava como objeto de investigação. Nesse contexto, a perspectiva adotada era a da pesquisa *sobre* crianças, como é/foi o caso de muitos estudos da área da Psicologia, como nos mostram Evangelista e Marchi (2022), e da Medicina, como evidenciam Abramowicz e Oliveira (2010).

De acordo com Marchi (2018), a conversão nos modos de fazer pesquisa *sobre* para *com* crianças está relacionada às mudanças nos paradigmas da etnografia clássica, no que tange às questões da voz dos sujeitos nas pesquisas, e à relação entre pesquisador(a) e pesquisado(s). Essas mudanças afetam diretamente as pesquisas etnográficas realizadas com crianças a partir da década de 1990 (Marchi, 2018), sobretudo no campo da Sociologia da Infância, emergente nesse período.

Nessa conjuntura, o entendimento de que as crianças são sujeitos sociais ativos, de direitos, autônomas e autoras (Sarmiento, 2007), consolida a compreensão de que suas vozes são potentes e legítimas para dizer sobre seus mundos (Corsaro, 2009; Friedmann, 2020; Sarmiento, 2007). Por conseguinte, as crianças passam a ser compreendidas não mais como objetos a serem investigados, mas como sujeitos partícipes da pesquisa (Marchi, 2018; Mitjans Martínez, 2014), o que significa assumir que elas são ativas no processo de pesquisa, especialmente no que diz respeito à produção de informações (González Rey, 2012).

Nesse sentido, a escuta atenta e sensível às crianças se torna central no desenvolvimento de pesquisas com elas, visando uma aproximação com os pontos de vista infantis e um deslocamento das lentes teóricas adultocêntricas (Friedmann, 2020). Nessa direção, a Sociologia da Infância aponta a necessidade de se construir estratégias e instrumentos metodológicos que se adéquem e respeitem as especificidades das crianças (Abramowicz & Oliveira, 2010).

Corroborando essa concepção, Larrosa (2017) aponta a necessidade de se entender que as infâncias não se encerram nos saberes que sobre elas temos. Desse modo, se quisermos compreendê-las é necessário nos colocarmos à disposição para escutá-las (Larrosa, 2017). Nesse contexto, é preciso se dispor ao encontro e à escuta, pois os saberes sobre a infância não estão necessariamente naquilo que dizemos sobre ela, mas no próprio acontecimento da infância e no que as crianças nos dizem (Larrosa, 2017).

Assim, entendemos que as especificidades de ter como participantes de pesquisas pessoas de pouca idade implicam, necessariamente, desenvolver formas particulares de escuta e compreensão (Abramowicz & Oliveira, 2010), assim como modos de construir relações, afetos, linguagens, significados e sentidos que viabilizem o diálogo com elas.

Convém, pois, questionarmos: Como ouvir, evidenciar e valorizar a potência das vozes infantis sem atropelar as crianças com visões adultocêntricas? Como questionar as crianças e fazê-las avançar na elaboração de suas linguagens? Como perceber seus interesses e necessidades no processo de pesquisa?

Essas questões compõem um quadro de problematizações que ainda circundam o âmbito da pesquisa *com* crianças. Nessa direção, temos como objetivo, neste artigo, propor e analisar um procedimento de pesquisa *com* crianças pequenas (três a seis anos) em ambiente escolar denominado *Narrativas Dialógicas Espontâneas*.

O artigo está organizado em cinco seções. Na Introdução, apresentamos o tema, a problemática e o objetivo da pesquisa. Na seção intitulada Aspectos Metodológicos, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa. O tópico Inspirações na Epistemologia Qualitativa de González Rey para se Pensar a Pesquisa com Crianças Pequenas em Ambiente Escolar está dividido nos seguintes subtópicos: (1) O cenário social da pesquisa e a ludicidade; (2) A dialogicidade; (3) A participação ativa do(a) pesquisador(a); (4) A singularidade; (5) A espontaneidade. Na seção do texto intitulada Narrativas Dialógicas Espontâneas Infantis: Alguns Cenários, constituímos os cenários sociais de pesquisa com crianças pequenas. Por fim, as considerações finais e as referências.

| Aspectos metodológicos

Esse procedimento foi produzido a partir das pesquisas desenvolvidas pelos(as) autores(as) deste artigo. No entanto, os dados empíricos apresentados são provenientes da pesquisa de campo de doutorado¹ de uma das autoras. A metodologia utilizada se fundamentou na abordagem de pesquisa qualitativa *com* crianças (Corsaro, 2009; Marchi, 2018; Muller & Carvalho, 2009), com inspiração na Epistemologia Qualitativa e no Método Construtivo-Interpretativo (González Rey, 2011; 2012; 2017; 2019).

O *lócus* foi um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Os participantes foram 17 crianças com idade entre cinco e seis anos, de uma turma da pré-escola, além de uma das autoras deste artigo. As informações foram produzidas com a participação da pesquisadora duas vezes por semana, no tempo integral de atividade da turma no turno vespertino, entre os meses de agosto de 2023 e janeiro de 2024. As transcrições dos áudios se efetivaram literalmente, respeitando as especificidades das linguagens das crianças.

No que tange às questões éticas, importa destacar que, após o consentimento dos responsáveis, obtivemos também o assentimento das crianças. Contudo, conforme Ferreira (2010), o assentimento das crianças não é definitivo, seguindo essa premissa, atentamos para um processo de consulta diária. Optamos por não

1 A pesquisa do doutorado foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte por meio do parecer de número 6.211.050.

revelar o nome da instituição de Educação Infantil e por utilizar os codinomes escolhidos livremente pelas próprias crianças.

As análises foram realizadas a partir da construção de categorias de codificação, seguindo o que descreve Bogdan e Biklen (1994):

O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos, percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões, bem como de tópicos presentes nos dados, e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras e frases são categorias de codificação (Bogdan & Biklen, 1994, p. 221).

Seguindo os movimentos analíticos propostos por Bogdan e Biklen (1994), lemos os dados empíricos buscando as regularidades que evidenciassem as estratégias utilizadas na produção de informações com as crianças. Dessa forma, identificamos quatro estratégias: (1) Cenário social a partir de conversação espontânea; (2) Cenário social de pesquisa a partir da contação de histórias; (3) Cenário social de pesquisa a partir de brincadeiras de faz-de-conta; e (4) Cenário social de pesquisa a partir da produção de desenhos e modelagens. Essas estratégias, assim como os aspectos da Epistemologia Qualitativa que os fundamentam, deram origem ao procedimento de pesquisa que nomeamos *Narrativas Dialógicas Espontâneas*, objetos de análise neste artigo.

| Inspirações na epistemologia qualitativa de González Rey para se pensar a pesquisa com crianças pequenas em ambiente escolar

González Rey propôs, dentro do quadro epistemológico das ciências humanas, uma epistemologia denominada Epistemologia Qualitativa e seu Desdobramento na Metodologia Construtivo-Interpretativa para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Subjetividade (González Rey, 2011; 2012; 2017). Nessa perspectiva epistemológica e metodológica, considera-se que a produção do conhecimento é um processo construtivo e interpretativo, configurado subjetivamente. Assumir esse pressuposto “[...] implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta” (González Rey, 2012, p. 5).

A Epistemologia Qualitativa tem três princípios: a dialogicidade, a singularidade e o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento. Dentro do conjunto de aspectos que caracterizam a Metodologia Construtivo-Interpretativa, destacamos: a criação de cenários sociais de pesquisa, a ludicidade, a postura ativa do pesquisador e a espontaneidade (González Rey, 2019). Acreditamos, coincidindo com Mitjans Martínez (2019; 2022), que os fundamentos desse referencial epistemológico e metodológico são profícuos para nortear o desenvolvimento de pesquisas, não só no âmbito dos estudos da subjetividade, mas também para pesquisas qualitativas em diversos campos, em especial com as crianças pequenas.

Nesse sentido, a reflexão que desenvolvemos a partir da interlocução entre o campo da pesquisa *com* crianças e aspectos tomados da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa nos levou a propor um procedimento metodológico para pesquisa *com* crianças pequenas que denominamos *Narrativas Dialógicas Espontâneas*.

O termo narrativa é empregado porque entendemos que as informações que as crianças produzem na interação com o(a) pesquisador(a) e outras crianças se configuram como histórias. Histórias a partir das suas experiências e/ou imaginação, histórias que atravessam o faz de conta e outras brincadeiras, os sentidos simbólicos dos desenhos e outras linguagens.

A narrativa oral é uma atividade linguística de interação central nas conversas cotidianas e consiste em um tipo de texto que reporta eventos passados, portanto, tem a função de reconstituir experiências, reais ou imaginárias (Bruner, 1997). As crianças fazem uso desse tipo de texto para inúmeros fins nas suas relações sociais, como relatar situações vividas, convencer alguém, fabular, criar ou recontar histórias (Bruner, 1997; Perroni, 1983). Nesse sentido, a narrativa representa a primeira forma das crianças relatarem experiências, pensarem e produzirem conhecimento sobre si e sobre o mundo. Portanto, a narrativa na perspectiva dialógica pode convergir em uma forma privilegiada de produção de informações junto às crianças.

A expressão dialógica advém da noção de que as narrativas são desenvolvidas na interação entre os participantes da pesquisa (crianças-crianças, pesquisador(a)-crianças), portanto, não se trata de um monólogo, mas requer necessariamente a dialogicidade, ou seja, uma forma de comunicação onde as pessoas estão implicadas emocionalmente (González Rey, 2012).

O termo espontâneo na Metodologia Construtivo-interpretativa faz referência ao espaço de livre expressão dos sujeitos (González Rey, 2012), aspecto que consideramos basilar quando se trata de pesquisa *com* crianças pequenas.

O procedimento – *Narrativas Dialógicas Espontâneas* – se caracteriza, então, pela construção e manutenção do cenário social de pesquisa, a participação ativa do pesquisador, a dialogicidade, a singularidade, a espontaneidade e a ludicidade (González Rey, 2011; 2012).

| O cenário social da pesquisa e a ludicidade

O cenário social da pesquisa não se confunde com o campo da pesquisa. Enquanto o campo da pesquisa trata do lugar onde a pesquisa é realizada, o cenário social da pesquisa é compreendido como espaço criado pelo(a) pesquisador(a), referente ao modo como ele envolve os participantes e se envolve. De acordo com González Rey (2012, p. 85), “No caso de crianças, o cenário é criado a partir do tipo de atividade inicial utilizada para o desenvolvimento da pesquisa. É o atrativo da atividade que define o interesse das crianças em

participar da pesquisa”. Portanto, tendo como participantes as crianças, torna-se necessário construir um cenário social de pesquisa mediado pela ludicidade.

Nessa perspectiva, é importante planejar a entrada no campo e a aproximação com o grupo, ou seja, criar um cenário social que cativa as crianças e estabeleça laços de confiança e afetividade entre o(a) pesquisador(a) e as crianças. Nesse ponto, a utilização de estratégias lúdicas, como “o uso de fantoches, de filmes infantis e de jogos representa caminhos convenientes para formar um grupo infantil com o qual se pretende trabalhar de forma estável por algum tempo” (González Rey, 2012, p. 85). Isso porque os elementos relacionados à infância estabelecem um vínculo lúdico e podem facilitar a aproximação e abrir um espaço dialógico.

Ademais, o cenário social da pesquisa deve ser mantido ao longo de todo o processo da pesquisa, reconstruindo-o sempre que for necessário. Conforme Rossato, Martins e Mitjáns Martínez (2014, p. 41), “[...] na convivência com os sujeitos da pesquisa, o pesquisador vai se aproximando de cada pesquisando, de modo a desenvolver a confiabilidade e o interesse necessários para o desenvolvimento da mesma”. Desse modo, a utilização de brinquedos possibilita adentrar ao universo infantil e estabelecer uma conexão com as crianças, facilitando a interação e ampliando a potência dialógica desse encontro.

Além disso, o uso do brinquedo contempla a ludicidade, compreendida como uma importante característica da infância (Muller & Carvalho, 2009), sendo também apontado por González Rey (2012) como aspecto a ser considerado na metodologia de pesquisa que tem as crianças como participantes. Desse modo, depreendemos que o uso de brinquedos e outros recursos lúdicos pode favorecer a criação de um cenário social de pesquisa, instigando o engajamento e o vínculo emocional, elementos necessários no processo de produção de informações junto às crianças.

| A dialogicidade

A dialogicidade é um dos três princípios da Epistemologia Qualitativa, que se expressa na Metodologia Construtivo-Interpretativa. A partir desse princípio, compreendemos a pesquisa como um processo dialógico, isto é, de comunicação (González Rey, 2012), sendo o diálogo um espaço de relações entre os sujeitos e de expressão da subjetividade que rompe com a lógica de perguntas e respostas (Mitjáns Martínez, 2014).

Desse modo, a dialogicidade representa um importante fundamento para se pensar a pesquisa com crianças pelo viés da interação. Isso porque, quanto menor a criança, maior a dependência da interlocução com o outro para desenvolver suas narrativas (Perroni, 1983). Convém destacar que a escuta é apontada como técnica privilegiada na pesquisa *com* crianças (Corsaro, 2009; Friedmann, 2020; Marchi, 2018). Contudo, quando pensamos em *Narrativas Dialógicas Espontâneas*, focamos para além da escuta sensível, em um diálogo ativo e sensível que potencialize as vozes das crianças.

Nesse sentido, a acepção que se tem de diálogo é a de que “[...] implica as emoções dos envolvidos, assim como possíveis momentos de contradição e tensão que têm um grande valor para o desenvolvimento do próprio diálogo e dos sujeitos envolvidos nele” (González Rey, 2019, p. 30). No encontro dialógico narrativo há uma afetação mútua, de modo que, ora as crianças podem se identificar com o que escutam, lembrando e relatando experiências parecidas; ora podem estranhar e duvidar dos conteúdos narrados pelos outros e se movimentar no diálogo questionando e problematizando.

| A participação ativa do(a) pesquisador(a)

Observamos que, tendo como princípio a dialogicidade, o(a) pesquisador(a) assume uma postura ativa no diálogo; isso é, não se trata apenas de ouvir, mas de interagir também. Nesse sentido, González Rey (2012, p. 45-46) assevera: “As conversações geram uma corresponsabilidade devido a cada um dos participantes se sentir sujeitos do processo, facilitando a expressão de cada um por meio de suas necessidades e interesses”. A interlocução do(a) pesquisador(a) e dos outros parceiros no diálogo impulsiona a ampliação das narrativas pelas produções subjetivas geradas no processo dialógico, como as memórias, as emoções, os saberes e a imaginação.

A participação ativa do(a) pesquisador(a) se diferencia da *Observação Participante*, procedimento da etnografia bastante usado em pesquisas com crianças (Abramowich & Oliveira, 2010; Muller & Carvalho, 2009), ao passo que não se trata de observar periféricamente e atuar de forma esporádica, mas de adentrar o território habitado pelas crianças, isto é, ser parte do grupo. Ferreira (2010) descreveu processo semelhante, nomeando-o de *Participação Observante*, aludindo à forma de construir as informações com as crianças de dentro das culturas infantis e na aproximação com suas perspectivas.

Além disso, de acordo com González Rey (2012; 2014), a relação próxima do(a) pesquisador(a) com os participantes é fundamental para o processo de interpretação e de construção das informações. Isso porque os significados não estão na palavra isolada, mas no contexto mais amplo de enunciação em que a palavra se torna viva (González Rey, 2012; 2014; 2019), o que pode favorecer uma aproximação com os modos próprios de racionalidade, pensamento e saberes das crianças.

| A singularidade

Outro princípio da Epistemologia Qualitativa é a singularidade. Esse aspecto diz respeito ao fato de que o estudo do singular é um espaço legítimo de produção de conhecimento científico. Situações e casos singulares permitem avançar na compreensão do objeto de estudo e construir modelos teóricos, forma pela qual se expressa a generalização nessa concepção epistemológica (González Rey, 2012; 2014; 2019). No entanto, realizando uma certa digressão do sentido deste princípio da Epistemologia Qualitativa, podemos dizer que a singularidade sustenta a

compreensão das crianças como grupo geracional que tem formas próprias e singulares de linguagens, de expressões, de pensamentos e de visões de mundo (Sarmiento, 2007), permeadas pela imaginação. Formas essas, não inferiores aos dos adultos, mas distintas e repletas de inteligência.

No cenário 1, observamos a pesquisadora adentrando ao universo simbólico imaginário das crianças por meio da sua inclusão na brincadeira de faz-de-conta ocorrida no parque.

Cenário 1: **Pai Power Rangers**

Barbie²/mãe — Filha, sua irmã Girassol tá fazendo a comida e a mamãe vai no mercado tá? Fica de olho no portão pra nenhum ladrão entrar!
Pesq/filha — Ladrão?
Barbie/mãe — Sim! Tem ladrão aqui fora!
Pesq/filha — (Batman se aproxima) Olha o ladrão mamãe, fecha a porta!
Barbie/mãe — é seu pai, menina!
Pesq/filha — É papai?
Barbie/mãe — É! Ele é policial!
Pesq/filha — Painho, você ficou me assustando!
Batman/pai — (ri) Eu sou o pai! Sou o pai Power Rangers de fogo [...] de fogo!
Mulher Maravilha/irmã — Eu tenho o poder do gelo, olha! (faz gestos com as mãos) [...]
Barbie/mãe — Filha, você tem que ir pra escola. (Leva a pesquisadora segurando pela mão) Aqui é a escola, entra! Mais tarde a mamãe vem te pegar, filha [...]. (Volta e fala com a pesq./filha pela janela da casinha) Oi, filha, a mamãe trouxe seu videogame que você queria trazer tanto pra escola. (Entrega um caco de telha) [...] (Crianças, cinco e seis anos, participantes da pesquisa).

A pesquisadora dialoga com as crianças a partir da vivência no faz-de-conta, o que lhe proporciona uma perspectiva privilegiada para observar por dentro das culturas de pares (Corsaro, 2009; Ferreira, 2010) e se aproximar da visão das crianças, em detrimento da visão adultocêntrica de quem olha de fora. Por consequência, ao participar observando, a pesquisadora teve a oportunidade de apreender e contribuir com o enredo que ali se desenvolvia, que referenciava as experiências das crianças: “Tem ladrão aqui”; seus saberes: “Filha, você tem que ir pra escola”; imaginação: “Eu tenho o poder do gelo”; e subjetividades: “Sou o pai Power Rangers de fogo”.

Por assumir uma participação ativa e a dialogicidade (González Rey, 2011), ela se movimenta ativamente no enredo da brincadeira – “Olha o ladrão, mamãe, fecha a porta!”- atuando conforme o papel que recebeu, cuidando para não alterar significativamente o enredo criado pelas crianças, mas também sem ser um ouvinte passivo. Esse tipo de interação fortalece vínculos de confiança nas

² Barbie/mãe. A primeira palavra dessa expressão (Barbie) é o codinome da criança e a segunda palavra (mãe) representa o papel que desempenha a brincadeira.

relações, aspectos relevantes para se garantir a espontaneidade na pesquisa e a produção de informação de um ângulo privilegiado.

| A espontaneidade

A espontaneidade não constitui um princípio da Epistemologia Qualitativa, mas um aspecto importante da Metodologia Construtivo-Interpretativa. Esse componente requer promover um cenário social de pesquisa em que os participantes se sintam seguros e livres para se expressar (González Rey, 2012; 2019). Nesse sentido, garantir um cenário de pesquisa isento de situações de imposição e pressão, que podem bloquear as expressões das crianças, é imprescindível para que elas tenham condições de se expressar espontaneamente.

Na nossa concepção, a espontaneidade se relaciona com: (1) o contexto da pesquisa que, assim como nas metodologias de cunho etnográfico (Muller & Carvalho, 2009), tange ao espaço de vivência da criança, como a casa e a escola, distanciando-se de espaços planejados, como laboratórios; (2) a manutenção das rotinas com sutis alterações para a pesquisa. Acompanhar as crianças em suas atividades, buscando se inserir como um adulto atípico (Corsaro, 2009), é uma forma de garantir certa espontaneidade nas relações; (3) os cenários e recursos planejados devem atentar para e evitar artificialidades que não envolvem as crianças de forma efetiva e emocionalmente.

Nesse panorama, concebemos que a própria rotina das crianças pequenas em ambiente escolar consiste em espaço profícuo para a pesquisa, em detrimento de espaços planejados, que dificultarão a expressão espontânea da criança por incluí-las em contextos que não lhes são naturais e/ou por se sentirem intimidadas. Assim, participar dos momentos de refeições, das atividades gráficas, dos jogos, das brincadeiras, das rodas de conversa pode tornar esses espaços dialógicos muito produtivos para construção de informações. Contudo, é imprescindível estar atento para não alterar o fluir das atividades das crianças (Corsaro, 2009), o que implica em certa sensibilidade do(a) pesquisador(a) nessa participação.

| Narrativas dialógicas espontâneas infantis: alguns cenários

Para abrir esta seção do texto, é importante esclarecer que “[...] as operações metodológicas de uma pesquisa não são algo formulado *a priori*, mas são algo construído no próprio processo vivo da pesquisa” (Gonzalez Rey, 2012, p. 87). Com efeito, é o dia a dia em campo, assim como os imprevistos, que forjarão os recursos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse ponto, a criatividade do pesquisador torna-se um aspecto imprescindível (Mitjás Martínez, 2014).

No cenário 2, acompanhamos uma interação da pesquisadora com o grupo de crianças pequenas, a partir da sua participação em uma conversação que ocorria no parque.

Cenário 2: O jogo do Tom

Acompanho as crianças no parque, elas estão sentadas, brincando com areia e conversando.

[...]

Superman — Eu jogo o jogo do Tom!

Girassol — Eu também tenho!

Superman — Meu Tommmm, tá, o meu tá 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15!

Pesq. — É mesmo?

The Flash — Meu Tom já completou aniversário, dia 30!

[...]

Girassol — Eu tô cuidando do meu.

Superman — Eu tô jogando o joguinho do Tommmm!

Pesq. — Como você cuida do seu Tom, Girassol?

Girassol — No meu Tom, eu dô comida, bebe água, dô banho, passeia.

Superman — Eu compro comida! Se eu tiver que, como eu acho que, ele sempre coloca uma plaquinha que, que pra dizer que ele tá com fome.

Girassol — No meu também!

Superman — Aí eu acho que ele é meu irmão porque eu comu, acho que todos os dias. [...]

Pesq. — Que mais faz com o Tom, em gente?

Girassol — Na verdade, ele já é grande!

Superman — Ele faz cocô e até pipi [...] (Crianças, cinco e seis anos, participantes da pesquisa).

A pesquisadora acompanhava a conversa das crianças quando surgiu espontaneamente a temática do jogo Tom. Como jogos digitais de entretenimento consistiam em objeto do interesse da pesquisadora, ela se insere sutilmente no diálogo: "É mesmo? Como você cuida do seu Tom, Girassol?" – a fim de instigar a ampliação das falas das crianças. É importante pontuar que a conversação é espaço de troca e de encontro narrativo, sendo, assim, interessante que o(a) pesquisador(a), na interlocução, também aborde suas experiências. A ideia é gerar pontos de cruzamento de experiências das crianças com a do(a) pesquisador(a), algo que vai instigar uma certa identificação e horizontalidade na relação.

Além disso, ao abordar suas experiências, o(a) pesquisador(a) se coloca como exemplo de narrador e pode, intencionalmente, gerar processos de aprendizagem em torno da produção desse tipo de texto oral, isso porque compreendemos que o espaço da pesquisa é também um espaço de aprendizagem mútua.

Outro cenário que pode colaborar no desenvolvimento de narrativas pelas crianças é a utilização da literatura infantil. Momentos de leitura, contação de histórias e conversas em torno de textos literários usualmente fazem parte da rotina das crianças no ambiente escolar, sendo, portanto, um recurso que pode ser utilizado sem alterar o cotidiano das crianças. No cenário 3, observamos a discussão gerada em torno da contação de uma história.

Cenário 3: Todo o tempo que eu quiser!

A pesquisadora conversa com as crianças a partir da história "A novíssima história dos três porquinhos", da escritora Maria das Graças Brandão Soares. Trata-se de uma releitura do conto tradicional dos três porquinhos em que dois dos porquinhos passavam o dia no celular.

[...]
 Pesq. — Alguém aqui, alguém aqui é igual a esses porquinhos que gosta de ficar o tempo todo no celular?
 Coração — Eu nãoooooo!
 Boiadeira — (Levanta a mão e balança a cabeça indicando que sim e ri)
 Cupcake — (Balança a cabeça e ri, afirmando ser como os porquinhos)
 Coração — Eu também, só um pouco!
 Pequena Sereia — Eu também, (ri)
 Coração — Eu também, mais ou menos (ri).
 Boiadeira — Eu nem brinco, eu nem brinco!
 Cupcake — Eu brinco, eu brinco!
 Pesq. — Brinca de que?
 Cupcake — Brinco de boneca.
 Coração — Eu brinco de Parkour!
 [...]
 Pesq. — Parkour é no celular?
 Bowser — Parkour é pular de um prédio de lado para o outro, mas tem vídeos que eles, que eles não conseguem!
 Boiadeira — Tipo no Roblox!
 Homem Aranha — Eu gosto!
 (falas simultâneas ininteligíveis)
 Boiadeira — Até minha mãe joga Roblox! Até minha mãe joga!
 Pequena Sereia — Até meu pai joga!
 Bowser — As, meu pai uma vez, ele pegou o celular de mim e pa só vê o que eu tava jogano, pa jogar também!
 Pequena Sereia — (ri)
 Pesq. — Vocês viram que os porquinhos não queriam nem ir para escola porque só queria ficar o celular em casa?
 Boiadeira — Eu gosto da escola! [...] Quano não tem aula eu quase choro.
 Coração — Eu também, chega eu esperniu no chão (ri)!
 [...]
 Homem Aranha — Eu fico aperriano pra ir pra escola.
 (falas simultâneas ininteligíveis)
 Bowser — Eu não, eu fico normal!
 Pesq. — Então todo mundo gosta de vir pra escola, ninguém quer só ficar em casa com celular. Agora os porquinhos não queriam brincar com os brinquedos que a mãe comprava, só queria o celular!
 Bowser — Eu brinco com meus brinquedos!
 Boiadeira — Às vezes eu brinco com minha amiga! Assim, de vez em quando, mas prefiro o celular.
 Pesq. — Mas, o que você faz tanto no celular, Boiadeira?
 Boiadeira — Ah, jogo, assisto (falas simultâneas com Coração)
 Coração — Joga junto comigo, né?
 Pesq. — Jogam juntas? Como é isso?
 Coração — Ela tava na minha casa, aí ela, ela pega o celular do meu pai e eu pego o celular da minha mãe [...] aí a gente joga Roblox, Roblox, Roblox
 Boiadeira — Tem os mapas, mapas. [...]
 Coração — A gente também brinca! A gente também brinca! A gente não é fam também de só ficar do celular e da televisão não. Eu até assisti um filme com minha mãe, meu pai e minha tia [...]
 Pesq. — Seus pais deixam vocês ficarem muito tempo no celular?
 Boiadeira — A minha mãe deixa todo tempo!
 Coração — A minha tobém deixa! (ri)
 Boiadeira — Todo o tempo que eu quiser!
 Bowser — A minha não deixa! [...] (Crianças, cinco e seis anos, participantes da pesquisa).

A pesquisadora propôs uma conversa em torno da história, levando as crianças a compararem seus comportamentos em relação ao uso do celular com os dos

personagens da história. Esse movimento dialógico instigou o engajamento das crianças, pois algumas se identificavam com os personagens, enquanto outras não. Essa interação, apesar de ter sido planejada e direcionada pela pesquisadora, de certa forma assegura a expressão livre das crianças, sendo também permeada pelos aspectos lúdicos que a literatura infantil contempla.

Propor desfecho para uma história ou a resolução de um problema de uma história fictícia, pode ser, também, um bom desencadeador de falas sobre determinado tema, por gerar certo envolvimento criativo na resolução de problemas.

De acordo com González Rey (2012, p. 69), “O uso de fantoches é uma via privilegiada na pesquisa com crianças, pois cria uma atmosfera lúdica na qual a criança se expressa com total espontaneidade”. Nesse contexto, propor brincadeiras-histórias a partir de um conjunto de fantoches, de imagens, de sequência lógica e de elementos diversos pode se configurar como um recurso interessante. Nesse caso, é importante criar os cenários e deixar as crianças explorarem livremente.

Vejamos outra proposta organizada pela pesquisadora dentro da rotina institucional das crianças. Ela estruturou, previamente, um ambiente de faz-de-conta tematizado com alguns cantinhos. Como o objeto do interesse da pesquisadora eram as relações das crianças com as telas, ela disponibilizou notebook, celulares, fones de ouvido, leitor digital, teclados e *mouses*. As crianças exploraram livremente os espaços, criando brincadeiras individualmente e em grupos.

No cenário 4, apresentamos uma das interações em que as crianças envolveram a pesquisadora na brincadeira.

Cenário 4: **Faz um Pix!**

Estou sentada em uma cadeira perto de um grupo de crianças brincando. Pequena Sereia se aproxima e me entrega um prato, em seguida diz:
Pequena Sereia — Uma receita especial de sopa!
Pesq. — Hum, e você viu onde essa receita especial?
Pequena Sereia — No *YouTube*!
Pesq. — Você viu a receita no *YouTube*? (Barbie que está brincando ao lado, coloca um celular no ouvido e diz)
Barbie — Alô, pesquisadora!
Pesq. — (Falo para Pequena Sereia) Espere um pouco, vou atender meu telefone, alô quem tá falando?
Barbie — Sou eu, a cabelereira,
Pesq. — Ah, a cabelereira, você pode me atender amiga?
Barbie — Posso!
Pesq. — Eu tô comendo, daqui a pouco eu chego, tá?
Barbie — Tá! Eu te aguardo!
Pesq. — Ah, obrigada! E essa sopa especial que você viu no *YouTube* é de que?
Pequena Sereia — Sopa de camarão!
Pesq. — Tem mais o que dentro dessa sopa de camarão?
Pequena Sereia — Peixe!
Pesq. — Que mais?
Pequena Sereia — Batata
Pesq. — Hum, que mais?

Pequena Sereia — Só.

[...]

Barbie — Você vai vir agora que tô esperano um montão de tempo, já veio uma cliente aqui, perguntar se você já vai vim agora.

Pesq. — Estou chegando nesse exato momento! [...] Cheguei!

Coração — Vou lavar o cabelo dela!

Pesq. (Barbie coloca os óculos e pega minha mão e faz movimentos como se tivesse pintando enquanto Coração penteia meu cabelo).

[...]

Barbie — Pronto! Acabou!

Pesq. — Ah! Que linda que ficou! [...] Como que eu posso te pagar, em? Não tenho dinheiro.

Barbie — Oxi, no celular, crédito.

Pesq. — No crédito? No cartão?

Barbie — Sim!

Pesq. — Mas eu não trouxe cartão, só o celular.

Barbie — Oxi! Vai lá pegar que eu te espero aqui [...]

Hulk — (Não participa da brincadeira, mas está perto e diz) Faz um pix!

Pesq. — E como é que faz um pix?

Barbie — Eu sei! Aqui (ri, aponta para o celular que estou usando para gravar)

Pesq. — Ah, é no celular! Ah, então vamos lá! [...] (Crianças, cinco e seis anos, participantes da pesquisa).

Essa interação ocorreu em um cenário social de pesquisa planejado e estruturado pela pesquisadora, que tinha como objetivo observar as relações das crianças com as telas. Ela fundamentou o cenário social na ludicidade, na permanência da rotina das crianças e na liberdade de ação e expressão das crianças.

Como podemos observar, a brincadeira aparece como um rico espaço dialógico de expressão própria das crianças. Nessa interação, os enredos criados por elas e seus pares, nos quais a pesquisadora se envolve ativamente (após ser inserida na brincadeira pelas crianças), surgem como potentes para evocar as experiências das crianças, seus saberes, pensamentos e imaginação.

Mais uma vez, contemplamos a participação ativa da pesquisadora no diálogo, instigando as crianças a aparecerem nesse espaço de expressão livre, que vai surgindo como enredo do faz de conta. Algo interessante para observar é que a menina Barbie se movimenta assumindo o personagem de cabeleireira, demonstrando saberes relacionados ao cotidiano dessa profissão, que podem ser percebidos em suas falas: “Você vai vir agora que tô esperano um montão de tempo, já veio uma cliente aqui.” E relacionado a pagamentos: “no celular, crédito”. Ela também utiliza uma certa linguagem, tentando se aproximar da referência daquilo que encena na brincadeira.

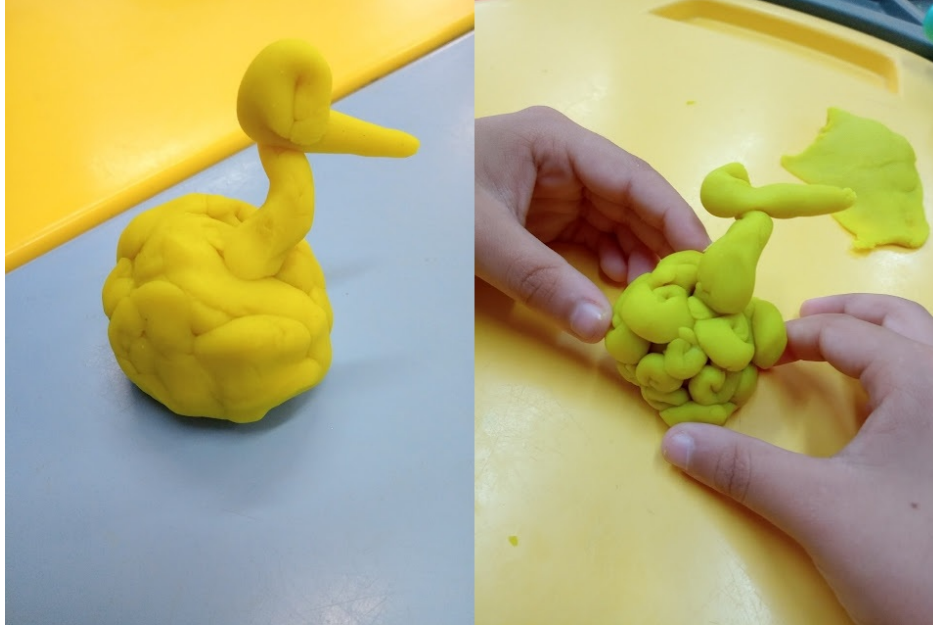
Outro cenário que pode ser útil, na geração de informações com as crianças, é a utilização das linguagens plásticas, muito presente no cotidiano das instituições de Educação Infantil. As atividades dos cenários 5 e 6 foram propostas pela professora da turma. As crianças modelaram e desenharam livremente, sem direcionamento referente a temas.

No cenário 5, verificamos o uso da escultura com massa de modelar. A pesquisadora acompanhou a produção de um grupo, inserindo-se também na atividade.

Cenário 5: Fruta do One Piece!

Figura 1

Fruta do *One Piece*



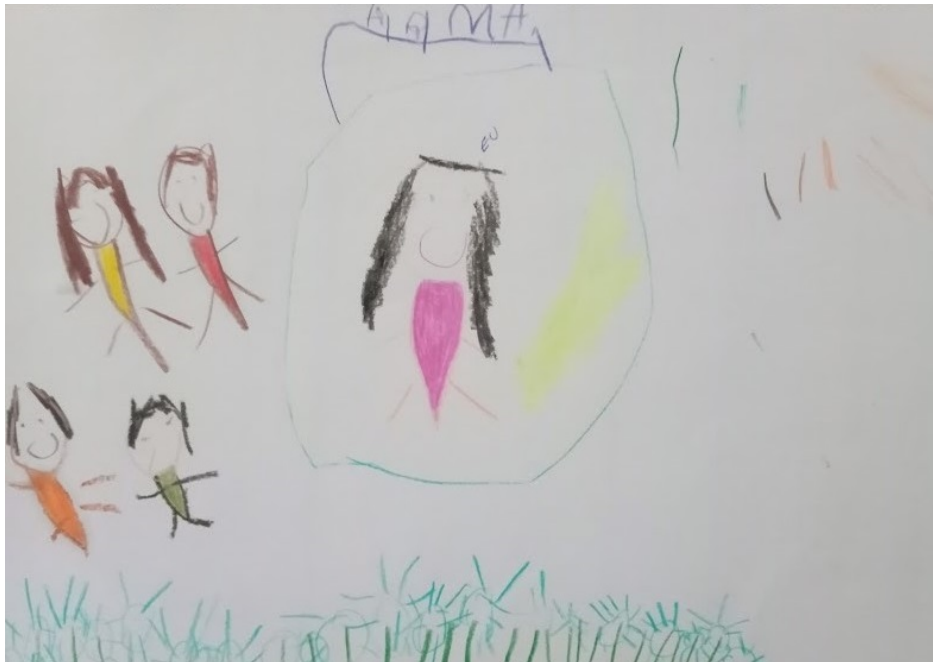
Fonte: os autores.

Hulk — Tô fazendo uma fruta de *One Piece*!
 Pesq. — Você tá fazendo uma fruta de que?
 Hulk — De *One Piece*!
 Pesq. — Que é o que?
 Superman — Um anime!
 Hulk — É, um anime. Esse anime passe na Netflix.
 Pesq. — E tem frutas, como se chama essas frutas?
 Hulk — Gomu gomu no Mi, Mochi mochi no mi, Pika pika no mi, é...
 Pesq. — E acontece o que nesse anime?
 Superman — Até eu tenho o álbum dele e as figurinhas, várias, várias figurinhas repetidas, até uma camisa.
 [...]
 Hulk — São os piratas, eles, eles querem derrotar os outros piratas para serem os reis dos piratas [...] (Criança, seis anos, participante da pesquisa).

Observamos que a atividade de modelar tem um vínculo lúdico, e o não direcionamento de tema possibilita que a criança expresse espontaneamente a sua experiência com a série de anime ao modelar as frutas. A interlocução da pesquisadora, que surge em torno da escultura, suscita a elaboração de uma narrativa, à medida que a criança é desafiada a falar sobre sua obra e a relação com o anime. Nesse sentido, a expressão artística das crianças por meio de escultura, desenhos, pinturas e colagens pode tanto ser utilizada como material empírico, sem envolver necessariamente uma interlocução oral, quanto como propulsora de uma conversação. No caso deste artigo, foi utilizada para promover a narrativa oral.

Cenário 6: Assistindo desenho

Figura 2
Assistindo desenho



Fonte: os autores.

- Pesq. — Que lindo seu desenho! Me conte!
 Boiadeira — Eu desenhei minha família!
 Pesq. — Quem são? (aponta as quatro imagens fora do círculo)
 Boiadeira — Meu irmão, meu outro irmão, minha mãe e meu pai, essa é eu.
 Pesq. — E isso aqui é o que? (aponta um círculo)
 Boiadeira — Minha casa, eu estava em casa assistindo desenho.
 Pesq. — Qual desenho?
 Boiadeira — Peppa Pig!
 Pesq. — E a sua família?
 Boiadeira — Estava passeando na rua (Criança, cinco anos, participante da pesquisa).

O cenário 6 exemplifica o uso do desenho como recurso para o diálogo e para a produção das narrativas. Convém pontuar que a linguagem do desenho consiste em uma importante forma de expressão simbólica para as crianças (González Rey, 2012), sendo um instrumento significativo na pesquisa com elas. A proposta de desenho livre favorece a espontaneidade (González Rey, 2019) e a representação de aspectos relacionados às suas vidas e aos seus mundos imaginados. São, certamente, fontes profícuas para a produção de informações junto às crianças e para o desenvolvimento de narrativas, como estas que acompanhamos. Outra forma de instigar as produções de linguagens plásticas pelas crianças é organizar cantinhos com os materiais necessários para essas produções e deixá-los disponíveis para que as crianças utilizem quando assim desejarem.

Dessa maneira, é participando junto às crianças, de modo a “[...] integrar-se em uma dinâmica de conversação que toma diversas formas e que é responsável pela produção de um tecido de informação [...]” (González Rey, 2012, p. 45), que o(a) pesquisador(a) pode alavancar a produção narrativa da criança. Nessa

participação ativa, produz-se um conjunto de informações significativas a partir da mobilização dos saberes, memórias, emoções, pensamentos e imaginação das crianças.

| Considerações finais

As interlocuções entre a pesquisa *com* crianças, a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-Interpretativa nos ajudaram a pensar aspectos importantes, articulados às especificidades da pesquisa *com* crianças pequenas. Tais reflexões não respondem de forma acabada todas as questões levantadas na introdução. Porém, nos mostram caminhos e possibilidades para a realização de um tipo de pesquisa que valorize e potencialize as linguagens e as vozes das crianças pequenas, e que atente às suas peculiaridades e modos próprios de inteligência e atuação no mundo.

O procedimento, *Narrativas Dialógicas Espontâneas*, tem como diferencial, em relação ao que vem sendo discutido na metodologia de pesquisa *com* crianças, o diálogo ativo para além da escuta, a participação ativa do pesquisador para além da observação participante, a espontaneidade e os cenários de pesquisa mediados pela ludicidade. Nesse sentido, inferimos que esse procedimento abre espaços, por meio de cenários possíveis, que possibilitam evidenciar modos específicos de produzir informações autênticas e significativas com as crianças.

É importante sinalizar, nessas linhas finais, que a nossa intenção não é fornecer receitas. Até porque, como apontamos, não existem procedimentos de pesquisas prontos para se pôr em prática com crianças, uma vez que estes devem ser construídos no próprio processo da pesquisa, considerando o contexto, os participantes e os objetivos do estudo. Nossa intenção é apresentar reflexões, caminhos e possibilidades para pensar as pesquisas *com* crianças pequenas.

| Referências

- Abramowicz, A., & Oliveira, F. D. (2010). A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. *Educação (UFSM)*, 1(1), 39-52. <https://doi.org/10.5902/198464441602>
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Artes Médicas.
- Corsaro, W. (2009). Reprodução interpretativa e cultura de pares. Em: Muller, F., & Carvalho, A. M. A. *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro* (pp. 31-50). Cortez.
- Evangelista, N. S., & Marchi, R. C. (2022). Sociologia da infância e reprodução interpretativa: um modelo redondo do desenvolvimento infantil. *Educação e Pesquisa*, 48, 1-17. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202248241891por>
- Ferreira, M. (2010). "Ela é a nossa prisioneira!" questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *Reflexão e Ação*, 18(2), 151-182. <https://doi.org/10.17058/rea.v18i2.1524>
- Friedmann, A. (2020). *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poética das infâncias*. Panda Books.
- González Rey, F. (2011). *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. Cortez.
- González Rey, F. (2012). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. Cengage Learning.
- González Rey, F. (2017). *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. EDUC.
- González Rey, F. (2019). A Epistemologia Qualitativa 20 anos depois. Em: Mitjans Martínez, A., González Rey, F., & Puentes, R. V. (orgs). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde* (pp. 2-46). EDUFU.
- Larrosa, J. (2003). *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Autêntica.
- Machi, R. C. (2018). Pesquisa Etnográfica com Crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, 43(2), 127-746. <https://doi.org/10.1590/2175-623668737>
- Mitjans Martínez, A. (2014). Um dos desafios da Epistemologia Qualitativa: a criatividade do pesquisador. Em: Mitjans Martínez, A., Neubern, M., & Mori, V. *Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas* (pp. 13-33). Alínea.
- Mitjans Martínez, A. (2019). Epistemologia Qualitativa: dificuldades, equívocos e contribuições para outras formas de pesquisa qualitativa. Em: Mitjans Martínez, A., González Rey, F., & Puentes, R. V. (orgs). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde* (pp. 47-69). EDUFU.
- Mitjans Martínez, A. (2022). A obra de Fernando González Rey: gênese, desenvolvimento e desafios atuais. Em: Mitjans Martínez, A., Tacca, M. C. V. R., & Puentes, R. V. (orgs.). *Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais* (pp. 21-43). Alínea.
- Muller, F., & Carvalho, A. M. A. (2009). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro*. Cortez.
- Perroni, M. C. (1983). *Desenvolvimento do discurso narrativo*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório institucional da UNICAMP. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1983.51497>
- Rossato, M., Martins, L. R., & Mitjans Martínez, A. (2014). A construção social da pesquisa no contexto da Epistemologia Qualitativa. Em: Mitjans Martínez, A., Neubern, M., & Mori, V. *Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas* (pp. 35-59). Alínea.
- Sarmiento, M. J. (2007). Visibilidade social e estudo da infância. Em: Vasconcellos,

V. M. R., & Sarmiento, M. J. (orgs.). *Infância (in)visível*. J&M Martins.

Sobre os autores

Silvana de Medeiros da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-6343-4346>

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande Norte (2025). Professora da Educação Básica na rede estadual de educação do RN. E-mail: silmedeiros96@gmail.com

Albertina Mitjáns Martínez


Universidade de Brasília, DF, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-3094-2886>

Doutora em Ciências Psicológicas pela Universidade da Havana (1993). Professora do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. E-mail: amitjans49@gmail.com

Mariangela Momo


Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-9014-657X>

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Professora do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: marimomo@terra.com.br

Daniel Medeiros dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0000-2324-396X>

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande Norte (2025). E-mail: daniricelli@hotmail.com

Contribuição na elaboração do texto: autora 1 – Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita – rascunho original; autora 2 – Conceitualização, Escrita – revisão e edição; autora 3 – Conceitualização, Supervisão, Escrita – revisão e edição; autor 4 – Metodologia, Escrita – revisão e edição.

Resumen

La metodología de investigación con niños es un tipo de investigación en constante debate, dadas las especificidades de los niños, especialmente los pequeños. Así, en este artículo, el objetivo es proponer y analizar un procedimiento de

investigación con niños pequeños en el entorno escolar denominado *Narrativas Dialógicas Espontáneas*. La metodología implica la investigación de campo en un Centro Municipal de Educación Infantil del municipio de Natal-RN, en una clase de preescolar. El procedimiento se propuso a partir del diálogo entre las perspectivas de la investigación *con* niños y la Epistemología Cualitativa de González Rey. Su destaque, en la metodología de investigación *con* niños, está en el diálogo activo más allá de la escucha, en la participación observadora y en la construcción de escenarios sociales de investigación mediados por la espontaneidad y la ludicidad. Se constata que este procedimiento es fructífero para la producción de información, ya que potencia la elaboración de narrativas orales de los niños.

Palabras clave: Niños pequeños. Metodología de investigación. Epistemología.

Abstract

Research methodology with children is a type of research that is constantly under discussion, given the specific characteristics of children, especially young children. This article aims to propose and analyze a research procedure with young children in a school environment called *Spontaneous Dialogic Narratives*. The methodology involves field research in a Municipal Early Childhood Education Center in the municipality of Natal-RN, in a Pre-School class. The procedure was proposed based on the interlocution between the perspectives of research *with* children and González Rey's Qualitative Epistemology. Its emphasis in research methodology *with* children is on active dialogue beyond listening, observant participation, and the construction of social research scenarios mediated by spontaneity and playfulness. It is clear that this procedure is useful for producing information, as it enhances the development of children's oral narratives.

Keywords: Young children. Research Methodology. Epistemology.

Linhas Críticas | Periódico científico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil
ISSN eletrônico: 1981-0431 | ISSN: 1516-4896
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas>

Referência completa (APA): Da Silva, S. de M., Mitjáns Martínez, A., Momo, M., & Santos, D. M. dos. (2025). Narrativas orais na pesquisa com crianças: inspirações na Epistemologia Qualitativa de González Rey. *Linhas Críticas*, 31, e56166. <https://doi.org/10.26512/lc31202556166>

Referência completa (ABNT): DA SILVA, S. DE M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; MOMO, M.; SANTOS, D. M. DOS. Narrativas orais na pesquisa com **crianças**: inspirações na Epistemologia Qualitativa de González Rey. *Linhas Críticas*, 31, e56166, 2025. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc31202556166>

Link alternativo: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/56166>

As opiniões e informações expressas neste manuscrito são de responsabilidade exclusiva dos autores e não refletem necessariamente as posições da revista Linhas Críticas, de seus editores ou da Universidade de Brasília.

Os autores são os detentores dos direitos autorais deste manuscrito, com o direito de primeira publicação reservado à revista Linhas Críticas, que o distribui em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0): <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

